

Bioética – ouvir é preciso

Até muito recentemente considerava-se que a expressão Bioética tinha surgido em 1970, como neologismo proposto por Van Rensselaer Potter, na Universidade de Wisconsin em Madison nos EUA. Pesquisas mais recentes evidenciam que temos que recuar no tempo e espaço, e considerar Fritz Jahr, na Alemanha, em 1927 (Cf. dossiê sobre Fritz Jahr publicado em *Bioethikos* v.5, n.3, jul/set 2011: Editorial, p.239 e dossiê p. 242-275). Jahr fala do “Imperativo Bioético” para além do Imperativo Categórico de Kant e Potter nos apresenta o seu “Credo Bioético”.

O neologismo nasceu carregado de profundo significado, pretendendo envolver e aproximar o campo da tecnociência, sobretudo das ciências biológicas e da biotecnologia, de um lado, e o campo cultural humanístico, sobretudo da filosofia e da ética, de outro. Essa inter-relação entre as duas esferas ou arenas do conhecimento, assumida pela área acadêmica, desde o surgimento do neologismo, foi um dos fatores que permitiu o reconhecimento, em pouco tempo, da Bioética como uma área específica do conhecimento. Têve também papel fundamental no advento e crescimento da Bioética, a participação da “comunidade externa” à acadêmica, isto é, a sociedade em todos os seus segmentos.

À medida que a tecnociência abria novas perspectivas para o ser humano, a “comunidade externa” sentiu-se preocupada, instigada e se considerou parcela importante interessada nas problemáticas éticas, sociais, culturais e econômico-financeiras, decorrentes do novo conhecimento. Houve um clamor da sociedade, clamor dirigido à comunidade científica e às autoridades governamentais. Esse clamor se iniciou quando a sociedade tomou conhecimento, justamente no início da década de 1970, dos abusos cometidos na pesquisa em seres humanos. A esse fenômeno somaram-se os novos desafios éticos da tecnociência, em destaque a biotecnologia, com a reprodução assistida, eutanásia, aborto, mãe de aluguel, transplantes de órgãos e as iniciativas do chamado “pós-humanismo”. E, a forma de participação da sociedade foi a de levar suas demandas e suas preocupações à “comunidade acadêmica” voltada para a Bioética.

Dito de outra forma: o desenvolvimento e o crescimento da Bioética se deram em grande parte por meio do clamor e das demandas da comunidade externa; vale dizer que tal desenvolvimento foi pautado pelas demandas e pela temática vinda de fora para a comunidade acadêmica interna. Esse é um fato muito importante que não podemos esquecer.

No dizer de Fourez¹, a evolução de uma nova disciplina, no caso a Bioética, segue uma sequência: fase pré-paradigmática,

fase paradigmática e fase pós-paradigmática. Na fase pré-paradigmática, a nova disciplina ou a nova área de conhecimento não tem ainda um corpo doutrinário, vive-se a fase de convivência de uma determinada disciplina, incapaz de sozinha dar conta de uma problemática a ela demandada, com várias outras. Na fase paradigmática, a nova disciplina ou a nova área já é capaz de apresentar consistência doutrinária resultante da interação multi e interdisciplinar; nessa fase, a temática da nova área é ainda pautada em grande parte, pela demanda externa. A fase pós-paradigmática se concretiza no momento em que a comunidade acadêmica da nova área, é capaz de formar um corpo acadêmico. Considera-se como fator indicativo a fase pós-paradigmática, o momento em que existe massa crítica de acadêmicos capazes de instalar uma pós-graduação, formando novos especialistas, no caso, os “bioeticistas”.

É nessa fase que se encontra a Bioética no Brasil, a partir de 2004, com a instalação do primeiro Programa de Mestrado, e hoje Doutorado e Pós-doutorado no Centro Universitário São Camilo, formando bioeticistas. Quando se atinge a fase pós-paradigmática, a comunidade acadêmica interna, cresce em um ritmo mais acelerado. A comunidade específica da nova área de conhecimento, agora consolidada, e em expansão, tende a pautar as suas atividades e estabelecer sua temática de atuação. Corre-se o risco de não mais se prestar atenção para as “demandas externas”. As questões bioéticas são pautadas pela própria comunidade e são tratadas, quase que exclusivamente, *interna corporis*. Nesse cenário, a comunidade externa, motor dos impulsos iniciais que levaram à criação da nova área de conhecimento, corre o risco de ser “esquecida”.

Não é essa a perspectiva a ser valorizada, pois sua voz continua a ser, não só desejável, mas, absolutamente indispensável. Impõe-se, portanto, uma reflexão profunda e uma atenção cuidadosa para que não se gire em falso, para que a voz do outro esteja sempre presente, e, sobretudo, é preciso saber ouvir, para dialogar antes, durante ou após o clamor!

Aproveitamos nesta oportunidade, para agradecer aos colaboradores do presente volume, que contribuíram significativamente, com suas reflexões, para o crescente avanço da causa bioética. Apresentamos também, ao final desta edição, o índice anual por autor e título.

William Saad Hossne*
Leo Pessini**

REFERÊNCIA

1. Fourez, G. A construção da Ciência. São Paulo: Unesp; 1995. p.119-125.

* Médico e pesquisador. Professor Emérito da Universidade Estadual Paulista – UNESP, *campus* Botucatu, Faculdade de Medicina. Membro da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP. Membro do Comitê Internacional de Bioética da UNESCO. Coordenador do Programa *Stricto sensu* em Bioética (Mestrado e Doutorado) do Centro Universitário São Camilo, São Paulo. E-mail: posbioetica@saocamilo-sp.br

** Doutor em Teologia/Bioética. Pós-graduado em Clinical Pastoral Education and Bioethics, St Luke’s Medical Center. Docente do Programa *Stricto sensu* em Bioética (Mestrado e Doutorado) do Centro Universitário São Camilo, São Paulo. E-mail: pessini@saocamilo-sp.br